

## A SUBVERSÃO DO ALGORÍTIMO

Aureo Guilherme Mendonça

aureo.guilhermemendonca48@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2172598678026175>

### RESUMO

Resumo A subversão do algoritmo significa que podemos pensar as possibilidades de mudarmos ou de exercermos algum controle sobre o universo dos algoritmos que praticamente conduzem nossas vidas em rede. Para isso necessitamos mudar nossas concepções atuais de mundo, enxergarmos para além do apenas visível, já que esses algoritmos são imperceptíveis ao olhar comum. E esse é um verdadeiro trabalho de inclusão digital. Não queremos apenas ampliar o número de usuários, mas principalmente o número de internautas conscientes de sua ação em rede.

**Palavras-chave:** Algoritmo; rede; inclusão digital; consciência.

*A metamorfose implica uma  
transformação muito mais radical,  
em que as velhas certezas da sociedade  
moderna estão desaparecendo e algo  
inteiramente novo emerge.*

Ulrick Beck

A produção ficcional nos deu sempre excelentes oportunidades para pensarmos nossas relações com o tempo e tentarmos construir um mundo melhor e razoavelmente mais habitável. O antropoceno, tal como o configuramos hoje, é fruto de um profundo afastamento de nossas reservas ficcionais. Quando penso no déficit mundial, e particularmente o brasileiro, do campo da leitura, me preocupa especialmente o que desabitou as mentalidades o fluxo das provocações geradas e gravidade da ausência de George Orwell, Frans Kafka, Issac Asimov, Júlio Verne, Aldous Huxley, Douglas Adams, Margaret Atwood. Como conviver com o presente com a sua memória esfacelada e exatamente a parte que trata da memória do futuro. Não ter visto os submarinos antes que fossem criados, não ter sentido a presença do Big Brother antes do surgimento dos algoritmos como estrutura básica da Web. Não ter sentido o mundo ficcional como premonitor do mundo contemporâneo. A metamorfose de que fala Ulrich Beck já estava sendo gestada nos textos desses visionários autores e autoras. E conhecê-los nos preparava para nosso atual “admirável mundo novo”, nos municiando melhor para entendermos com mais clareza nossas atuais agruras e facilitando a construção de possíveis saídas.

O campo da tecnologia é, hoje, um espaço muito impregnante e que provoca alterações físicas e comportamentais ao ponto de conduzirmos nossos debates para a fronteira do humano com o pós-humano. Afinal, quem ou o que é verdadeiramente extensão? Conduzimos o celular ou

ele nos conduz? A inteligência artificial já não está habitando o nosso cotidiano e imprimindo sobre nós suas escolhas? Em nosso natural egocentrismo achamos sempre que as máquinas são nossas indiscutíveis servidoras. Esquecemos o quanto da liquidez dos chips e bits já inundaram nosso corpo e efetuaram um processo irreversível de metamorfose genética. Quem somos nós agora? Na hipótese pós-humana somos pelo menos seres híbridos em que o maquínico aflora como parte fundamental desse novo corpo, uma espécie de cyborg contemporâneo. E a grande questão que se coloca no momento é: como conviver com essa nova forma de existência? Negar nossos novos apetrechos mecânicos não nos ajuda em nada. Temos que procurar entender toda essa nova parafernália e assim reformularmos nosso campo de questionamentos para acendermos novas luzes sobre o atual debate.

Algumas decisões que os algoritmos tomam sobre nossas vidas são razoavelmente benignas, como aquelas irresistíveis “Sugestões para você” no Netflix. Mas fica complicado quando a inteligência artificial (IA, em inglês) e o aprendizado de máquina são usados por empresas e governos para a tomada de decisões que afetam nossas vidas sem que jamais saibamos disso. E pior, sem sermos capazes de apelar contra essas decisões. ( LEMAYIAN)

O debate sobre o algoritmo se transforma hoje no cerne das nossas questões de ajuizamento do universo digital. Para o bem ou para o mal é inevitável que tenhamos a necessidade de compreendermos melhor os meandros desse intrincado submundo tecnológico. Cada vez mais necessitamos mergulhar nas entrelinhas para não sermos vítimas frequentes das armadilhas que nos são impostas pelos programadores de softwares de grandes empresas e

governos. Essa questão trás à superfície o dilema mal resolvido da inclusão digital. Afinal, no âmbito de atuação da TI o que significa estar incluído?

Tenho minhas dúvidas se algum dia alguém já considerou o processo de inclusão apenas a partir do momento em que o sujeito tem acesso aos meios digitais. Na prática estar realmente alfabetizado no campo digital deveria significar algo mais do que o simples conhecimento técnico de ligar uma máquina e saber utilizá-la. Principalmente se estamos nos referindo às máquinas inteligentes que usamos diariamente. Acontece no âmbito maquínico o mesmo processo da nossa formação escolar. Quantos de nós terminam um curso superior e continuam típicos analfabetos funcionais, incapazes de interpretar corretamente um texto acadêmico da sua própria área? No caso do uso dos atuais computadores, a situação é ainda mais grave porque as pessoas muitas vezes tem a ilusão de que estão no controle da situação quando, de fato, estão sendo quase completamente manietadas pelo sistema de algoritmos que subjaz ao organograma de funcionamento da web.

Para Cazeloto existe um sistema de inclusão digital que pretende agregar a totalidade da população mundial com a finalidade apenas de ampliação do mercado consumidor, ou seja, estaríamos formando uma massa inerte e completamente submissa aos ditames de um capitalismo voraz e sem qualquer regulação ética. Assim, a inclusão digital não é apenas uma forma de levar o desejo de ter computador às camadas mais pobres da população, mas também um modo de inseri-las em novas relações de consumo e *marketing*, fundamentais para todos os setores que constituem a cibercultura, e não apenas para os diretamente implicados na produção de *hardwares e softwares*. (CAZELOTO, 2008, pág. 152)

Comprar sempre e muito, essa é a regra básica que move esse sistema e somos todos envolvidos de uma forma ou de outra nesse preceito capitalista. Ou seja, possuir um celular

pode não ser uma simples opção de consumo, mas uma determinação emanada dos subterfúgios de uma rede que cresce a cada dia em seus tentáculos poderosos. Ter uma clara consciência disso já é o primeiro passo para encontrarmos possíveis saídas. Mas o que fazer para desenvolver esse padrão de consciência esclarecedora?

Tudo se torna muito difícil quando raciocinamos segundo padrões mentais tecidos a partir de esquemas gerados pelo arcabouço ideológico do sistema. Pensar de forma diferente pode ser um começo importante. Vamos refletir sobre uma coisa aparentemente simples como a questão da temporalidade. Somos condicionados a acreditar que o tempo tem valor a partir da sua capacidade produtiva e isto, desde o início da Revolução Industrial, significa dizer que a marca da eficiência do tempo é a sua rapidez. “Time is Money” não é uma simples frase de efeito, mas a marca registrada da temporalidade capitalista. Somos valorizados por encurtamos cada vez mais o nosso tempo ao cumprirmos nossas tarefas e somos execrados se demoramos para realizar uma atividade. E a questão é: quantas vezes questionamos nossa rotina de corrermos incessantemente? Eu diria que nunca, afinal o sistema não nos dá tempo para pensarmos sobre a loucura que nos habita. Desacelerar o nosso ritmo pode ser um bom começo, especialmente se agregarmos as práticas orientais da yoga e da meditação.

Ao desdobrarmos essa questão poderemos perceber que não apenas no plano da questão temporal, mas em múltiplas outras interfaces nós necessitamos desconstruir o esquema de raciocínio que serve de base para o nosso entendimento das coisas que estão à nossa volta. Adorno e Horkheimer já na década de 60 levantaram uma parte significativa dessa questão na obra “Dialética do Esclarecimento”. Para esses pensadores da Escola de Frankfurt mesmo a ciência ficava limitada em suas descobertas por seguir um raciocínio que se baseava em formas de esclarecimento que remontavam ao Iluminismo e todo o arcabouço da ideologia burguesa consolidada no século XIX. Segundo o juízo do esclarecimento, bem como o do protestantismo, quem se abandona imediatamente à vida, sem relação racional com a auto-conservação

regride à pré-história. O instinto enquanto tal seria tão mítico quanto a superstição; servir a um Deus não postulado pelo eu, tão insano quanto o alcoolismo. O progresso reservou a mesma sorte tanto para a adoração quanto para a queda no ser natural imediato: ele amaldiçoou do mesmo modo aquele que, esquecido de si, se abandona tanto ao pensamento quanto ao prazer. (ADORNO/HORKHEIMER, 1985, pág. 41)

Esta é uma grande crítica aos excessos do cartesianismo, que teria sobrevalorizado a razão em detrimento das outras fontes do pensamento. Possivelmente não é temerário afirmar que neste momento da história tivemos a consolidação do império de Apolo, com a tentativa de exclusão total do mito de Dionísio. O mundo das regras, da razão soberana, do perfeccionismo das aparências (pensemos na ditadura do atual universo fit) se sobrepondo ao pensamento livre, à emanção natural do prazer (penso aqui na pesquisa sobre a sexualidade moderna com a noção de revolução sexual de Wilhelm Reich), ou seja toda a nossa natureza sendo contida para nos transformarmos em seres apolíneos que se submetem mais facilmente às imposições do sistema. Para atingirmos um patamar existencial novo devemos então superar esses nossos condicionamentos cartesianos e olharmos o mundo a partir de um novo olhar e exatamente aqui temos a arte como elemento vital no desvelamento desse mundo que nos é desconhecido.

Já desde o mesmo século XVIII iluminista que tivemos as primeiras objeções ao discurso cartesiano. A começar por Kant que com a sua Crítica do Juízo (ou Terceira Crítica) procurava demonstrar a importância do fator estético para a ciência em suas descobertas. Ser um bom cientista não significa estar restrito ao circuito fechado da razão, mas ser capaz de saber usar as potencialidades de suas percepções sensoriais. Ou seja, de certa forma, Kant retoma traços

do Dionísio banido pelos pensadores cartesianos. No mesmo século XVIII tivemos a proeminência de outro alemão nesse campo da defesa da estética, Friedrich Schiller em seu “A educação estética do homem”, que trabalhava a importância de se recuperar no ser humano sua natureza perdida pelos excessos do racionalismo.

Ora, o predomínio da faculdade analítica rouba necessariamente a força e o fogo à fantasia, assim como a esfera mais limitada de objetos diminui-lhe a riqueza. Por isso o pensamento abstrato tem, frequentemente, um coração frio, pois desmembra as impressões que só como um todo comovem a alma; o homem de negócios tem frequentemente um coração estreito, pois sua imaginação, enclausurada no círculo monótono de sua ocupação, é incapaz de elevar-se à compreensão de um tipo alheio de representação. (SCHILLER, 1990, Pág. 43)

A fantasia e a imaginação são peças fundamentais na construção de um verdadeiro processo de conhecimento. A luz não emana apenas da razão mas do complexo sistema de percepção humana. Na concepção de Schiller a educação para ser completa deve privilegiar todos os campos dessa percepção e não se restringir apenas ao meramente racional, como se fôssemos um conglomerado de neurônios desconectados dos outros canais de estimulação do conhecimento no nosso corpo. E a arte é, para ele, uma espécie de facilitador desse processo. *Pela beleza, o homem sensível é conduzido à forma e ao pensamento; pela beleza, o homem espiritual é reconduzido à matéria e entregue de volta ao mundo sensível.* (Op. Cit. Pág. 95)

Aqui podemos voltar à nossa discussão central, os algoritmos. Espero que tenha ficado clara a minha intenção ao fazer esse mergulho na história da racionalidade moderna. De fato, eu acredito que o predomínio do cartesianismo tenha sido um dos principais fatores de nossa incapacidade de enxergar para além do imediatamente visível e assim não termos as chaves

para fazermos a leitura subliminar que vem acoplada nos códigos dos algoritmos. Temos que reestruturar nossos mecanismos de raciocínio, estabelecendo novas formas de lidarmos com o mundo à nossa volta. Ou mesmo recuperarmos antigos métodos de estímulo à inteligência humana, como, por exemplo, a maiêutica, em que Sócrates, na Atenas de 400 aC, questionava seu interlocutor com sucessivas perguntas até que ele percebesse a inutilidade do conhecimento acumulado ao longo de toda a sua vida e só então estaria preparado para produzir um verdadeiro saber.

A tomada de consciência é sempre o passo decisivo para qualquer mudança e só podemos alterar o atual quadro de hegemonia algorítmica se pensarmos para além desse nosso círculo alienante. Até mesmo as saídas práticas como o uso dos softwares livres e respectivas plataformas e demais aplicativos alternativos só podem ser pensadas a partir dessa tomada de consciência. Algumas pessoas já fazem uso desses mecanismos alternativos, mas são apenas uma minoria que não afetam o funcionamento do domínio da web como um todo. Manuel Castells propõe saídas a partir da organização das próprias sociedades, ou seja, considerando-se o caráter democrático de cada uma delas.

O caminho que as sociedades tomarão certamente não depende do próprio código, mas da capacidade que têm as sociedades e suas instituições de impor o código, resistir a ele e modificá-lo. Na aurora do século XXI há uma inquietante combinação no mundo da internet: ideologia libertária generalizada ao lado de uma prática cada vez mais controladora. Movimentos sociais em defesa da liberdade na internet, como a coalizão formada em torno do Electronic Privacy Information Center nos Estados Unidos, são fontes essenciais para a preservação da internet original como uma esfera de liberdade. Mas a resistência não bastará. Leis, tribunais, opinião pública, mídia, responsabilidade corporativa e agências políticas serão as áreas decisivas em que o futuro da internet será moldado. Redes globais não podem ser controladas, mas pessoas usando-as podem, são e serão – a menos que as sociedades optem pela liberdade da internet, agindo a partir das barricadas de seus libertários nostálgicos, e além delas. (CASTELLS, 2003, Pág. 151)

Complementaria a fala do Castells afirmando que nosso controle sobre a rede e seus códigos de algoritmos depende acima de tudo de nos prepararmos para alcançarmos nosso protagonismo na internet e nesse momento estaríamos vivenciando um estado de verdadeira inclusão digital com os internautas garantindo a sua privacidade e sua livre atuação na web. Não posso encerrar este artigo sem reconhecer o papel fundamental que representaram e ainda representam os membros do Wikileaks, especialmente a figura proeminente de Julian Assange. Este site representa a defesa da maioria dos usuários de internet do planeta contra a hegemonia dos algoritmos e outras questões ligadas aos governos e as poderosas empresas da internet. A história comprovará o quanto ficamos devedores do Assange e sua equipe.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANDRÉ, Parente (Org.) *Tramas da Rede – Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

ASSANGE, Julian. *Cypherpunks – Liberdade e o futuro da internet*. São Paulo: Boitempo, 2013.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da internet – Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *O poder da comunicação*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

JENKINS, HENRY. *CULTURA DA CONVERGÊNCIA*. SÃO PAULO: ALEPH, 2009.

JOHNSON, Steven. *Cultura da interface – Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos – O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 1990.

CAZELOTO, Edilson. *Inclusão digital – uma visão crítica*. São Paulo: Ed. Senac/São Paulo, 2008.

LEÃO, Lúcia (Org.). *Interlab- Labirintos do pensamento contemporâneo*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

LEMONS, André. *Cibercultura – Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MARTINO, Luis Mauro Sá. *Teoria das mídias digitais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. Redes sociais digitais – A cognição conectiva no Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; CASSINO, João (Orgs.). Software livre e inclusão digital. São Paulo: Conrad/Editora do Brasil, 2003.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.

ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão – O novo proletariado de serviço na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

SHIRKY, Clay. A cultura da participação. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

#### **SOBRE O AUTOR:**

Aureo Guilherme Mendonça é graduado em História pela UFF e em Pedagogia pela UGB. Possui Mestrado em História e Crítica de Arte pela Escola de Belas Artes da UFRJ e Doutorado em Literatura Comparada pelo curso de Letras da UFRJ. Atualmente é professor adjunto do curso de Produção Cultural do Pólo Universitário de Rio das Ostras/UFF, atuando na área de Teoria e Crítica de arte. Criou em 2011 o GEPAT (Grupo de Ensino e Pesquisa em Arte e Tecnologia) onde vem trabalhando com projetos que tratam da questão da inclusão digital em uma escola pública piloto e também em bairros da periferia da cidade. Em fevereiro de 2013 foi aprovada em reunião departamental a criação de um laboratório para pesquisas no campo das tecnologias digitais.